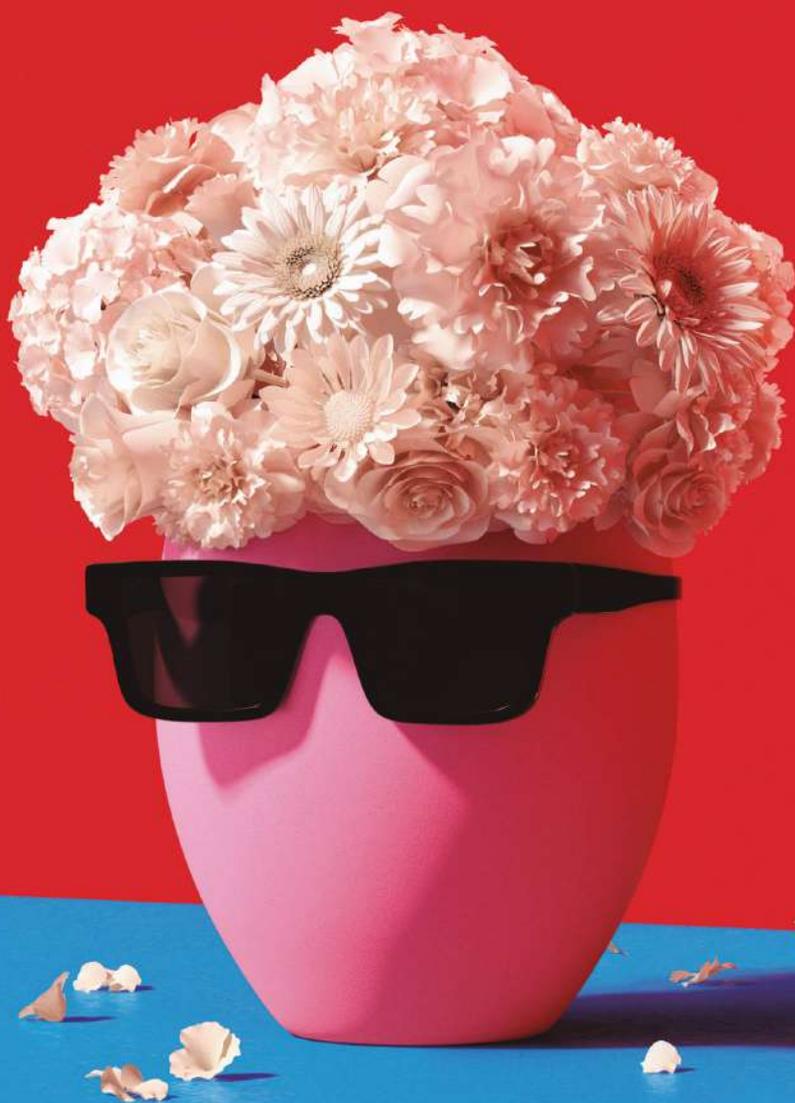


ALFAGUARA


Pedro Almodóvar

O último sonho



Tradução de Helena Pitta

Introdução

Por mais de uma vez me propuseram que escrevesse uma autobiografia e eu sempre recusei; também me propuseram que outro a escrevesse, mas continua a provocar-me uma espécie de alergia ver um livro que fale integralmente de mim como pessoa. Nunca tive um diário e, quando tentei escrevê-lo, não passei da segunda página; no entanto, este livro implica a minha primeira contradição. É o que existe de mais parecido com uma autobiografia fragmentada, incompleta e um pouco críptica. Contudo, creio que o leitor acabará por obter muita informação sobre mim enquanto cineasta e efabulador (ou escritor) e sobre o modo como a minha vida leva uma coisa a misturar-se com outras. Mas há mais contradições no que acabo de escrever; disse nunca ter sido capaz de manter um diário e, no entanto, aparecem aqui quatro textos que demonstram o contrário: o que fala da morte da minha mãe; a minha visita a Chavela em Tepoztlán, a crónica de um dia vazio e «Um Romance Mau». Estes quatro textos são instantâneos da minha própria vida no momento em que a vivia, sem qualquer lapso de tempo. Esta coleção de histórias (eu chamo história a tudo, não distingo os géneros), demonstra a relação estreita entre o que escrevo, o que filmo e o que vivo.

As histórias inéditas foram arquivadas por Lola García, no meu escritório, juntamente com uma quantidade

de outros textos. Lola García é a minha assistente, neste e em muitos outros assuntos. Ela compilou-as, tirando-as de velhas pastas azuis que resgatou do caos das minhas múltiplas mudanças. Ela e Jaume Bonfill decidiram desempoeirá-las. Não as lia desde que as escrevi; a Lola arquivou-as e eu esqueci-me delas. Nunca me teria ocorrido relê-las décadas depois, se ela não me tivesse sugerido que lhes desse uma vista de olhos. Com bom discernimento, a Lola selecionou algumas, para ver como eu reagia a essa leitura. Em momentos soltos, entre a pré-produção de *Estranha Forma de Vida* e a sua pós-produção, entretive-me a lê-las. Não as corriji, porque o que me interessava era recordar-me de mim e recordá-las como as escrevi na altura, e comprovar como a minha vida e tudo o que me rodeia mudaram, desde que saí do colégio com os dois anos do ensino secundário aprovados.

Eu sabia-me escritor desde menino, sempre escrevi. Se de alguma coisa não tinha dúvidas era da minha vocação literária, e se de alguma coisa não tenho a certeza é dos meus êxitos. Há duas histórias em que falo da minha inclinação pela literatura e pela escrita («Vida e morte de Miguel», escrita nalgumas tardes de 1967 a 1970, e «Um romance mau», escrita este ano).

Reconciliei-me com algumas delas e recordei como e onde as escrevi. Revejo-me, no pátio da casa de família em Madrigalejos, a escrever «Vida e morte de Miguel» numa *Olivetti*, debaixo de uma parreira, com um coelho esfolado pendurado numa corda, como um apanha-moscas, daqueles bem repugnantes. Ou no escritório da Telefónica, no início dos anos setenta, terminado o trabalho, a escrever à socapa. Ou, evidentemente, nas diversas casas onde vivi, a escrever diante de uma janela.

Estas histórias são um complemento dos meus trabalhos cinematográficos, às vezes serviram-me como um reflexo imediato do que estava a viver, outras acabaram, muitos anos depois, por se transformar num filme (*A Má Educação*, algumas sequências de *Dor e Glória*) ou acabarão transformadas em filmes futuros.

Todas elas são textos de iniciação (ainda não dou por terminada essa etapa) e muitas nascem como uma fuga ao tédio.

Em 1979 crio uma personagem desmesurada em todos os sentidos, Patty Diphusa («Confissões de uma *sex symbol*»), inicio o novo século com a crónica do meu primeiro dia de orfandade («O último sonho») e diria que em todos os escritos posteriores — incluindo «Amarga Navidad», onde me permito inserir uma *set piece* sobre Chavela, cuja voz aparece de forma indelével em vários dos meus filmes — dirijo o olhar para mim próprio e torno-me a nova personagem sobre quem escrevo em «Adeus, vulcão», «Memória de um dia vazio» e «Um romance mau». Esta nova personagem, eu próprio, é o oposto de Patty, embora formemos a mesma pessoa. Neste novo século, torno-me alguém mais sombrio, mais austero e mais melancólico, com menos certezas, mais inseguro e com mais medo e é aí que encontro a minha inspiração. Prova disso são os filmes que fiz, especialmente nos últimos seis anos.

Está tudo neste livro; também descubro que, recém-chegado a Madrid, no início dos anos setenta, já era a pessoa em que me tornaria; em 2004, *A Visita* transformou-se em *A Má Educação* e, se tivesse dinheiro, nessa altura já me teria estreado como realizador com «Joana, a bela demente» ou «A cerimónia do espelho» e teria continuado, fazendo os filmes que depois fiz. Mas há ainda algumas histórias

anteriores à minha chegada a Madrid, escritas entre 1967 e 1970: «A redenção» e a já mencionada «Vida e morte de Miguel». Em ambas reconheço, por um lado, que acabo de terminar o liceu e, por outro (vivi esses três anos com a minha família em Madrigalejos, Cáceres), a angústia juvenil, o receio de continuar a viver preso na vila e a necessidade de fugir e de ir para Madrid.

Tentei manter a cronologia e deixar as histórias como as escrevi, mas reconheço que em «Vida e morte de Miguel» não resisti a fazer uma revisão; o estilo parecia-me demasiado afetado e corriji-o um pouco, respeitando o sabor original. Esta é uma das histórias cuja leitura, passados mais de cinquenta anos, me surpreendeu. Lembra-me perfeitamente da ideia em volta da qual gira a narração: contar a vida em sentido inverso. Isso era o essencial e, se me permitem, o mais original. Décadas depois, pensei que tinham copiado a minha ideia em *Benjamin Button*. A história em si é convencional e corresponde à minha trajetória de vida, tão pequena, de então. Importante, era a ideia. Lendo-o hoje, descubro que a história fala principalmente da memória e da impotência face à passagem do tempo. Com certeza que a escrevi a pensar nisso, mas esquecera-me e isto assombra-me. A educação religiosa ainda está presente em todas as histórias dos anos setenta.

A mudança radical dá-se em 1979, com a criação de Patty Diphusa; não poderia ter escrito sobre essa personagem antes ou depois da voragem dos finais dos anos setenta. Visualizei-me, debruçado sobre a máquina de escrever, a fazer de tudo, a viver e a escrever a uma velocidade vertiginosa. Termine o século com «O último sonho», o meu primeiro dia de orfandade; quis incluir essa pequena crónica porque reconheço que as suas três páginas estão

entre o que de melhor escrevi até agora. Isso não demonstra que sou um grande escritor; sê-lo-ia se tivesse conseguido escrever, pelo menos, duzentas páginas do mesmo calibre. Foi necessário que a minha mãe morresse para eu conseguir escrever «O último sonho».

Além de *A Má Educação* e da sua relação com «A visita», nestes textos já estão muitos dos temas que aparecem e configuram os meus filmes. Um deles é a obsessão por *A Voz Humana*, de Cocteau, que já aparecia em *A Lei do Desejo*, que esteve na origem de *Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos*, reapareceu em *Abraços Desfeitos* e finalmente se transformou, há dois anos, em *A Voz Humana*, com Tilda Swinton. Em «Demasiadas mudanças de género» também falo de um dos elementos cruciais de *Tudo sobre a Minha Mãe*: o ecletismo, a mistura não só de géneros, mas de obras que me marcaram. Além do monólogo de Cocteau, marcaram-me *Um Elétrico Chamado Desejo*, de Tennessee Williams (a minha produtora chama-se El Deseo), e *Noite de Estreia*, de John Cassavetes. Apropriiei-me de tudo o que me caiu nas mãos ou me passou diante dos olhos, criando uma amálgama própria, sem no entanto chegar aos extremos de León em «Demasiadas mudanças de género».

Como cineasta, nasço em plena explosão do pós-modernismo e as ideias surgem de qualquer lugar; todos os estilos e épocas convivem, não há preconceitos de género nem guetos, também não existia o mercado, só a vontade de viver e de fazer coisas. Era o caldo de cultivo ideal para alguém como eu, que queria conquistar o mundo.

Podia inspirar-me nos pátios da Mancha, onde decorreu a minha primeira infância, ou na sala escura do Rockola, detendo-me, se necessitasse, nas zonas mais

sinistras da minha pré-adolescência, num colégio-prisão dos salesianos. Anos turbulentos e radiosos, porque o horror salesiano tinha como banda sonora as missas em latim que eu próprio cantava como solista do coro (*Dor e Glória*).

Agora, posso dizer que esses foram os três lugares onde me formei: os pátios manchegos onde as mulheres faziam renda de bilros, cantavam e criticavam toda a vila, a explosiva e libérrima noite madrilena de 1977 a 1990, e a tenebrosa educação religiosa que recebi dos salesianos no início dos anos sessenta. Tudo isso, e algumas coisas mais, está concentrado neste volume: o Desejo não só como produtor dos meus filmes, mas como loucura, epifania e lei à qual é preciso submetermo-nos, como se fôssemos protagonistas da letra de um bolero.

A visita

Na rua de uma pequena cidade da Estremadura, uma rapariga de uns vinte e cinco anos chama a atenção dos transeuntes devido ao seu aspeto extravagante. A manhã vai a meio e a sua indumentária, já de si muito vistosa, parece ainda mais imprópria à luz do Sol. Mas ela caminha imperturbável, sem que os olhares dos surpreendidos transeuntes a afetem. Como se cumprisse um plano antigo e elaborado, a jovem move-se com muita segurança. O seu vestido, chapéu e restantes complementos são idênticos aos de Marlene Dietrich em *The Devil Is a Woman*, quando ela tenta seduzir um importante funcionário para que este arranje passaportes para ela e César Romero. Mais do que uma evocação, os movimentos desta mulher são uma cópia exata dos da famosa estrela. A imagem sofisticada e anacrónica no cenário de uma pequena cidade é completamente irreal e escandalosa.

A mulher detém-se diante da porta de um colégio de padres salesianos e entra no edifício com a mesma segurança com que antes caminhava pela rua. Não há o mais pequeno assomo de hesitação na sua atitude, desloca-se como se o colégio lhe fosse familiar. Da portaria, um sacerdote sai ao seu encontro, surpreendido:

— Que deseja, menina? — pergunta-lhe, pouco à vontade.

— Gostaria de ver o padre diretor — responde a mulher com uma enorme naturalidade. O sacerdote olha para ela, horrorizado, e fala sem nenhuma convicção.

— Não sei se estará no colégio.

— Sei que a esta hora está no gabinete.

Apesar de a jovem se expressar de forma cortante, a sua segurança anula a provocação que poderia haver nas suas palavras. O sacerdote olha para ela de cima a baixo e não sabe o que dizer. Não devia deixá-la entrar, tem um aspeto muitíssimo escandaloso, pensa em silêncio.

— Bom, veja, este é um colégio de jovens rapazes e...

— E o quê?

— Bom... você... com esse vestido...

— Que tem o meu vestido? — A rapariga examina-se como se receasse ver uma nódoa ou algum buraco. — Não gosta?

— Não é isso...

— Bom, então o que é? Não vai dizer-me que os seus alunos nunca viram uma mulher.

— Menina!

Mas ela interrompe-o:

— O padre diretor está ou não no seu gabinete?

— Talvez não possa recebê-la neste momento.

— Estou aqui por um assunto muito urgente que a ele lhe interessa tanto como a mim. Mas não se incomode a indicar-me o caminho, já o conheço, tenho um irmão que estudou aqui e visitei-o com frequência.

Sem esperar pela resposta, entra num corredor estreito que conduz ao pátio. O sacerdote vai atrás dela, agitado.

— Menina! Menina!

— É ali na porta da esquerda, não é verdade?

— Sim, é ali. — O padre vê-a desaparecer como que aparvalhado.

Não está ninguém no pátio, é feriado e a maior parte dos alunos internos estão fora, na cidade. A jovem desce ostensivamente as escadas do pátio e dirige-se para a porta indicada pelo sacerdote. Bate brevemente duas ou três vezes e espera. Entre, ouve que dizem do interior. Abre a porta e entra. Um frade de uns quarenta e cinco anos está sentado à secretária e, ao vê-la, não consegue conter uma expressão de assombro.

— Quem é você?

— Não olhe para mim dessa forma. Sou irmã de um dos seus antigos alunos e venho da parte dele falar consigo. — A mulher sorri, desenvolta.

O padre diretor dirige-se a ela, arisco, mas curioso por saber do que se trata.

— De que aluno me fala?

— Sou irmã do Luis Rodríguez Bahamonde.

Ao ouvir o nome, a expressão do frade altera-se e ele olha para ela com maior curiosidade, separando-a do seu aspeto, interessado exclusivamente em encontrar algum pormenor que lhe garanta ser verdade o que diz.

— É a irmã do Luis? — pergunta, encantado; a rapariga assente friamente. — Eu fui um grande amigo do seu irmão, para mim não era um aluno vulgar. — Nas palavras do frade é notória uma clara nostalgia.

— Vim falar-lhe dele.

— Fico muito satisfeito. Há tanto tempo que não o vejo! Éramos muito bons amigos, sabe? Mas estes rapazes, quando terminam os estudos, esquecem-se completamente de nós. Cheguei a escrever-lhe uma ou outra carta para saber da sua vida, mas nunca me respondeu. Como está?

Imagino que terá mudado muito, deve estar um homem. Observando-a com atenção, você parece-se bastante com ele, têm os mesmos olhos.

Ela ouviu-o, séria, em silêncio.

— Devido à minha vocação, eu não tive filhos, claro, mas sinto a mesma necessidade de qualquer homem de proteger e formar aqueles que começam a viver. — Cala-se uns instantes, a rapariga examina-o sem pestanejar, ele quase não se apercebe, está absorto nas suas lembranças. — O seu irmão Luis era como um filho para mim. Fico muito satisfeito por estar aqui. Como se chama?

— Paula.

— Tem de me contar muitas coisas. Mas primeiro diga-me porque veio.

— Tenho de lhe dar uma má notícia.

— Que aconteceu?

— Há uns meses, os meus pais morreram num acidente de carro.

— Valha-me Deus, que desgraça!

O padre diretor parece verdadeiramente consternado. Desde que Paula entrou no gabinete que tenta não prestar atenção à sua maneira de vestir. A ideia de que é irmã de Luis alegrou-o tanto... Agora, ao saber que os pais morreram e apercebendo-se da frieza com que ela o disse, a sua forma de estar parece-lhe incompreensível, especialmente o vestido extravagante e inapropriado. Para que a situação não se torne confrangedora, faz um esforço e desiste de fazer qualquer comentário, mas este travão priva a conversa da cordialidade que ele teria desejado.

— Como pode imaginar, foi um golpe terrível — continua Paula. — Os últimos meses foram insuportáveis, agora começo a sentir-me com mais forças para lutar.

Estas palavras nos lábios de Paula, envolta naquele modelo provocante, soam a falso, mas o seu tom de voz imponente não permite qualquer objeção.

— Deus ajudar-vos-á, confiemos n'Ele, não estão sós.

Por momentos, permanecem ambos em silêncio e, de súbito, o sacerdote pergunta-lhe:

— E o Luis, como reagiu a...?

— Ia com eles, nenhum dos três se salvou.

— Meu Deus! Luis!

Para o frade, é uma notícia tão inesperada como pavorosa. Permanece imóvel à secretária, a olhar alucinado para Paula, e não a vê a ela, mas a Luis. Enquanto repete o nome dele e o rosto se lhe enche de lágrimas, Paula, hierática, olha para ele impávida. Decorrem assim alguns momentos.

— Desculpe-me. Eu gostava muito do seu irmão, se tivesse um filho não o amaria mais. Vi-o crescer, formar-se, é horrível. Que idade tinha?

— Vinte e quatro anos.

O padre diretor parece bastante abatido. A notícia para ele é um verdadeiro choque. Olha novamente para Paula, a cada momento que passa o vestido lhe parece mais ridículo e inoportuno, e, por outro lado, a secura com que fala daquelas desgraças irrita-o. Como pode dizer que os pais e o irmão estão mortos com semelhante indiferença? Sentada à sua frente, Paula parece incredivelmente superior, como se nem a morte conseguisse afetá-la. O que haverá por detrás de tanta segurança e arrogância?

— Trouxe-lhe uma fotografia recente, calculei que gostaria de ficar com ela.

— Oh, sim, claro.

Desde o primeiro momento, o padre diretor pensa que não lhe convém exteriorizar demasiado os seus sentimentos

pelo antigo aluno antes de conhecer melhor Paula, mas era tal a necessidade de falar de Luis que não se esforçou muito a medir os seus comentários. Olhando para a irmã, compreende o seu erro. Embora, ao fim e ao cabo, não lhe tenha dito nada que antes não tivesse dito aos pais, quando vinham visitar Luis. Mas eles reagiam de outro modo. Sentiam-se orgulhosos por o filho ser protegido pela pessoa mais importante do colégio.

Depois de receber a notícia e face à presença árida de Paula, o frade sente-se desfeito e inseguro.

— Tome — diz ela —, foi tirada pouco antes do acidente.

Era uma das melhores fotografias da última época de Luis. Estava nu, a fotografia apanhava-o do umbigo para cima. Do papel, Luis olhava como se tentasse confidenciar tudo sem dizer uma palavra. O frade lembra-se de que sempre lhe pedira uma fotografia e que ele nunca lhe enviara.

— Mudou muito, mas reconhecê-lo-ia se o visse na rua. Não consigo acreditar que morreu.

À tristeza do sacerdote, Paula responde com cinismo:

— De qualquer modo, para si a morte não deve ser tão horrível como para nós.

— Porquê? — O frade não compreende o comentário.

— Deus está do seu lado e isso deve ser um grande consolo. Imagino que, para os senhores, qualquer desgraça tenha um valor diferente.

O padre diretor olha para ela como se quisesse protestar, mas mantém-se em silêncio.

— Apesar do nosso ministério, nada nos protege da dor humana — protesta, irritado e abatido, depois faz um esforço para não explodir e dizer àquela descarada o que

ela merece. — Mas não falemos disso agora, fale-me do seu irmão, o que fez nos últimos anos, como era.

— A sua ocupação mais importante nos últimos anos foi a literatura. Era o que mais lhe interessava. Sentia uma grande insegurança pela sua obra, é verdade que ainda lhe faltava muito que aprender, mas já tinha escrito coisas bastante interessantes, embora não o satisfizessem. Nós amávamo-nos muito — prossegue Paula, cujo rosto perde um pouco da sua frieza e endurece. — Crescemos juntos, eu conhecia-o tão bem como a mim própria, não havia nenhum segredo entre nós. Vim aqui porque tenho a certeza de que ele teria gostado de o fazer.

Paula fala serena, mas implacavelmente. Há uma certa ameaça velada em tudo o que diz. O padre diretor sente-se muito nervoso e não sabe que tom de voz usar. À medida que o tempo passa, o ambiente torna-se mais estranho e ele não sabe como agir para não o sobrecarregar, pois a única coisa que quer é que a rapariga lhe fale de Luis. Mas, nesse momento, Paula tira um batom e um espelho e diante dos olhos atónitos do sacerdote pinta os lábios com sensualidade. Perante esta provocação grotesca, o padre não consegue conter-se.

— Menina, não lhe parece excessivo?

— Excessivo o quê? — Detém-se e fita-o.

— Esta frivolidade.

Paula sorri torridamente.

— Hum, adoro a frivolidade.

— Porque se vestiu assim para vir visitar-me? Além de anacrónico, é ridículo.

A rapariga não parece surpreendida com a mudança repentina e desagradável da conversa e continua, agressivamente segura da situação.

— Claro, o senhor é um frade e tudo o que lhe chega do mundo deve parecer-lhe escabroso.

— Não sei a que propósito vem isto. — O frade já não esconde o seu desagrado.

— Já lhe explico a razão deste vestido — diz, solícita, como se fosse contar uma história. — Existe uma estrela famosa, Marlene Dietrich, conhece-a?

— Não — responde o frade sem querer, interrogando-se aonde quererá chegar aquela louca.

— Dietrich entusiasma-me. Num filme antigo, aparece vestida com um modelo idêntico a este e, noutra momento do mesmo filme, canta uma coisa como esta...

Paula levanta-se e entoia a canção. O sacerdote interrompe-a e pede-lhe que se cale, mas ela continua até ao fim, sem lhe prestar a mais pequena atenção, usando-o como membro de um público invisível que tem de seduzir.

— Deixe de atuar. Chega! — murmura, indefeso e um pouco fora de si, o padre diretor.

Paula sorri com despeito.

— Isto é só o princípio!

— Porque veio aqui?

— Para falar do meu irmão — diz, como se nada tivesse acontecido — e fazer o que ele não pôde, por falta de tempo.

— E é necessário vir vestida dessa maneira?

— Sim.

— Garanto-lhe que, se não fosse pela memória do Luis, não a teria deixado dizer uma palavra.

— Digo-lhe o mesmo. Também não me agrada como se veste e, até agora, não lhe disse nada.

— Parece uma prostituta.

— Bom faro...

— Não sei quais são as suas intenções, mas já a supor-tei o suficiente. Vá-se embora!

— E não falamos do meu irmão? Onde foi parar a sua curiosidade? Sejam os civilizados. — Convida-o a sentar-se. — Vou ler-lhe algumas das suas histórias, suponho que lhe interessarão. Recordo que foi aqui que ele começou a escrever. Conservo ainda uma composição poética, dedicada ao Sagrado Coração, pela qual lhe deram uma nota magnífica na disciplina de Literatura, estava então no décimo primeiro ano.

— Sim, lembro-me perfeitamente. — O frade sente que está a ser abanado de um lado para o outro como um fantoche. — Eu era o professor dessa disciplina. Já nessa idade ele escrevia com muita sensibilidade. Fico satisfeito por não ter deixado de o fazer.

— Já lhe disse que era a sua principal atividade. Agora está prestes a sair um livro dele com uma seleção de contos. Ainda está na tipografia, trouxe-lhe alguns.

— Tudo isto é absurdo e, se não fosse pela sua extraordinária semelhança com ele, pensaria que é uma brincadeira de mau gosto. De qualquer modo, agradeço a preocupação de trazer, mesmo nesses trajés, os escritos dele; adoraria lê-los.

— Vou ler-lhe os primeiros. São recordações dos seus anos de colégio.

— Fala de nós?

— Sim, oiça.

... Os alunos que tinham sido mais aplicados durante o mês — e eu estava quase sempre entre eles — eram premiados com um dia inteiro de folga excepcional, enquanto os outros rapazes ficavam no colégio

a assistir às aulas. Se não estivesse frio, passávamos esse dia no campo, saíamos depois do pequeno-almoço e voltávamos à hora do jantar. Um dos professores acompanhava-nos nessas ocasiões, para cuidar de nós. Regra geral, para ele também era um prémio, uma vez que se divertia tanto como nós. A sua única tarefa era não se afastar do nosso lado e estar atento para que nada acontecesse. Às vezes, o bom resultado desses passeios devia-se exclusivamente ao prazer da companhia; alguns preparavam com antecipação o programa do dia, preenchendo-o com jogos originais e divertidos; outros contavam-nos uma infinidade de histórias divertidas que nunca tínhamos a certeza se eram reais, se as inventavam naquele momento ou se as tinham lido nalgum livro, embora nos garantissem sempre que lhes acontecera pessoalmente.

Na excursão a que vou referir-me, acompanhou-nos dom Ceferino, um frade de uns trinta anos. Estava um bonito dia primaveril e fomos até uma colina próxima, ao pé de um rio e de uma mata. Eu não tinha muita confiança com dom Ceferino, havia nas suas maneiras uma certa picardia mundana que me retraía; eu era inacreditavelmente piedoso e o ideal de sacerdote, para mim, era aquele que as biografias nos descreviam, sempre prestes a elevar-se e com os olhos postos exclusivamente no céu. O facto de dom Ceferino sorrir como um homem da rua levava-me a pensar que havia nele alguma coisa que não se adequava à sua vocação.

Não sei como, dei comigo deitado na encosta da colina à sombra de uma árvore, junto dele e protegidos pela mata, enquanto os outros rapazes brincavam

noutro lado do monte. Deviam estar perto, mas não os víamos. (Agora compreendo até onde chegou a ousadia de dom Ceferino, porque qualquer um deles podia ter aparecido naquele momento.) Não recordo do que me falava, evidentemente era alguma coisa à qual nem ele, nem eu prestávamos atenção, falava apenas para preencher o silêncio. Abriu vários botões da sotaina, justamente os que correspondiam à parte intermédia, agarrou na minha mão e introduziu-a ali, para que o manuseasse. Eu comecei a tremer, aterrado e excitado, e retirei imediatamente a mão, mas ele voltou a agarrar-me com violência. Depois de uma luta inútil, deixei que ele se masturbasse com ela. Enquanto o fazia, eu sentia, em simultâneo, curiosidade e repugnância. Os pelos do seu sexo recordavam-me o contacto com a erva seca e árida do campo. Já no colégio, não conseguia assimilar a impressão do que acontecera. Para desafogar a minha ansiedade decidi apelar ao meu conselheiro espiritual, tentando convencer-me de que ele me ajudaria, porque não sabia a quem pedir ajuda.

No dia seguinte, depois do almoço, fui ao quarto dele para lhe falar. Bati à porta e, do interior, ele perguntou o que queria e quem era; quando lhe disse que desejava confessar-me, respondeu-me que estava ocupado, que fosse ao seu confessor ao entardecer durante a bênção (a bênção é um serviço piedoso a que assistíamos diariamente antes do jantar). Naquela época, eu tinha uma enorme desconfiança da vida, sentia-me totalmente desamparado e tentava refugiar-me na piedade, sem que isso me satisfizesse por completo. Mas era tão novo — dez anos —, que,

embora não sentisse a fé, conseguia perseverar nela. Naquele espaço de tempo, a sensação de estar, com toda a certeza, em pecado mortal era-me insuportável. As horas passadas até à chegada da noite tornaram-se eternas, tinha a sensação de que Deus me mataria de um momento para o outro. Achava bastante lógico que, de súbito, um raio me trespassasse ou que caísse por umas escadas empurrado por uma força invisível ou que o colégio inteiro se afundasse e me engolisse.

Quando finalmente entrámos na igreja, dei graças a Deus por continuar vivo, e a minha angústia diminuiu com a visão do confessionário. Precipitei-me nessa direção e fiquei ajoelhado um momento, tentando fazer um breve exame à minha consciência, mas não consegui concentrar-me; aproximei-me da parte da frente e levantei um pouco a cortininha que escondia o sacerdote, para meter a minha cabeça. Supunha que, como sempre, ele me rodearia os ombros para me ouvir melhor e assim, abraçados e escondidos pela cortininha, me sussurraria as coisas do costume, mas não foi isso que se passou. Quando fiquei à sua frente, ele acendeu a luz e... não sei como descrever o meu choque, ali estava o padre José, meu conselheiro espiritual, a sorrir-me, vestido de mulher, com um vestido de veludo vermelho à moda dos anos quarenta e com uma peruca loura. A maquilhagem revelava a sua palidez natural e corava-lhe as faces; a cor dos lábios era vermelho sanguíneo. Não consegui conter uma exclamação.

— Não te assustes — disse-me, melífluamente.

— É que não esperava encontrá-lo assim, padre.

— Tinha a cabeça a andar à roda.

Com a maior simplicidade, como se não percebesse a minha tremenda confusão, perguntou-me:

— Gostas?

Não consegui pronunciar nenhuma palavra inteligível. E ele explicou-me de forma didática:

— A beleza é um dom divino e cultivá-la não é mais do que cultivar Deus. E todo este artifício me torna mais belo, não é verdade? O significado do nosso ministério não depende de como estamos vestidos. É mentira isso de que o hábito faz o monge. A essência do sacerdote é íntima, abstrata, nada tem a ver com acessórios materiais. Além de me divertir, fiz isto para limpar a tua mente e para que sejas mais flexível quando julgares o comportamento dos outros. De acordo?

— Sim, padre. — A minha confusão só aumentava.

— O que faço neste momento é um ato de amor ao próximo, de caridade. Ofereço-te beleza; será que não é importante a beleza?

— Sim, padre.

— Ofereço-ta a ti, e a mim, e isso dá-nos prazer a ambos. Não quero dizer que me vou vestir sempre assim, embora não haja nenhuma lei que o proíba. Mas, uma vez que tradicionalmente os frades da minha congregação se vestem com sotainas pretas, respeitarei o gosto do nosso fundador. É importante que compreendas que na nossa vida há momentos muito diversos e que, às vezes, é divertido vestirmo-nos de outra forma. Bom, depois disto vamos começar a confissão. Vou pôr a estola.

O primeiro livro de histórias de uma das personalidades mais icónicas da cultura europeia. Reconhecido pelo próprio como uma «autobiografia fragmentada», este volume reúne memórias e ficções que nos apresentam, de forma íntima, o universo de Pedro Almodóvar e que revelam a sua paixão secreta pela escrita.

«Nunca tive um diário e, quando tentei escrevê-lo, não passei da segunda página; no entanto, este livro implica a minha primeira contradição. É o que existe de mais parecido com uma autobiografia fragmentada, incompleta e um pouco críptica. Contudo, creio que o leitor acabará por obter muita informação sobre mim enquanto cineasta e fabulador (ou escritor) e sobre o modo como a minha vida leva uma coisa a misturar-se com outras. [...] Esta coleção de histórias [...] demonstra a relação estreita entre o que escrevo, o que filmo e o que vivo.»

Assim define Pedro Almodóvar o seu primeiro livro de histórias. Aqui, estão reunidas doze narrativas, escritas ao longo de décadas, desde os anos 1960 até à atualidade. Em todas, encontramos as suas mais íntimas obsessões: os obscuros anos de escola, a celebração do humor, o crescimento enquanto artista, as agruras da fama, a incontornável obsessão com a morte e a solidão, a influência da ficção na própria vida. Neste livro, viajamos com Almodóvar da pequena povoação da sua infância à louca capital onde o seu génio floresceu, e das inquietações mais inconfessáveis às obsessões pungentes que todos reconhecemos como suas. Assente em múltiplas camadas possíveis de leitura, *O último sonho* é um compêndio sobre modos de contar histórias, apresentando-nos um escritor que foi secretamente reunindo uma excecional obra literária.



«As histórias de Almodóvar decorrem em pátios manchegos, em colégios dirigidos por padres salesianos e nos bares festivos da movida, dando conta de uma ligação profunda entre o vivido, o escrito e o filmado.»

Babelia



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
@ penguinlivros

ISBN 9789897870576



9 789897 870576 >